

## FREUD, 1914: O ANO QUE NÃO TERMINOU

FREUD, 1914: THE YEAR THAT HAS NEVER ENDED

Daniel Kupermann<sup>1</sup>\*

Resumo: O ano de 1914 foi caracterizado por uma verdadeira reviravolta no pensamento freudiano, que repercute no campo psicanalítico até os nossos dias. Em termos metapsicológicos, assistimos a formalização do conceito de narcisismo, bem como suas implicações para a teoria da libido; no que concerne à clínica, Freud se deparou com os impasses do caso que, posteriormente, ficou conhecido como Homem dos Lobos, e experimentou dispositivos inéditos em sua prática psicoterapêutica; finalmente, a formulação do conceito de elaboração (*Durcharbeitung*), que aponta uma direção para o tratamento dos quadros de sofrimento narcísico, transformou inelutavelmente nossa concepção do que é a clínica psicanalítica.

Palavras-chave: Narcisismo. Clínica Psicanalítica. Elaboração. Sublimação. Homem dos Lobos.

*Abstract: The year of 1914 was characterized by a real turning point in Freud's thought, which affects the psychoanalytic field to this day. Considering metapsychology, we witnessed the formalization of the concept of narcissism as well as its implications for the theory of libido. Regarding the clinical field, Freud discovered impasses with the case that later became known as the Wolf Man and experienced unprecedented devices in his psychotherapeutic practice. Finally, the formulation of the concept of Working-through (*Durcharbeitung*), which points a direction for the treatment of the narcissistic disorders, transformed our conception of psychoanalytical clinic.*

*Keywords: Narcissism. Psychoanalytical Clinic. Working-through. Sublimation. The Wolf-Man.*

<sup>1</sup>Psicanalista, professor doutor do Departamento de Psicologia Clínica do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (USP), bolsista de produtividade em pesquisa do CNPq. Email: dkupermann@usp.br

\* O presente trabalho foi realizado com apoio do CNPq, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - Brasil.

A redação de “À guisa de introdução ao narcisismo” foi o disparador de questões decisivas e ainda inacabadas que atordoaram o campo psicanalítico em 1914. Neste ano, Freud (1914/2004) promove uma verdadeira reviravolta em sua teorização: no que concerne à metapsicologia, a formalização do conceito de narcisismo e suas implicações para a teoria da libido; em relação aos impasses e aos dispositivos da prática clínica, as surpresas no manejo do caso que, posteriormente, ficou conhecido como o Homem dos Lobos (Freud, 1918[1914]/1980f); finalmente, sua inovadora concepção do que é o psicanalisar, a partir da publicação de “Recordar, repetir e elaborar” (FREUD, 1914/1980d).

Pretendemos, nas linhas que se seguem, percorrer essas guinadas no pen-

samento psicanalítico privilegiando as três principais obras de Freud que nos auxiliam a compreendê-las: “À guisa de introdução ao narcisismo”; “História de uma neurose infantil” (publicada posteriormente) e “Recordar, repetir e elaborar”. Convém, ainda, ressaltar que no mesmo ano de 1914, Freud (1914/1980e) publicou também “A história do movimento psicanalítico”, que opera como libelo aglutinador do campo psicanalítico justamente no contexto do abalo provocado pelas torções sofridas pelo texto freudiano. Quando as ondas ameaçam naufragar o navio que, até então, singrava inabalável os mares, importa grifar quem sabe o que é a psicanálise, bem como quem é ou não psicanalista.<sup>1</sup> No entanto, se a psicanálise é, efetivamente, a “sua” criação, como reafirma Freud (1914/1980e, p.16), isso não implica que a criatura não possa surpreender seu próprio criador.

### E QUANDO O REI ESTÁ NU?

Há algo em comum entre certos analisandos, considerados “difíceis”, e as personagens que, segundo Freud, nos fascinam pelo seu narcisismo exacerbado e aparentemente inabalável - a bela mulher, a criança, os gatos, os grandes felinos e os grandes criminosos, os humoristas. Justamente, a sua “inacessibilidade” (FREUD, 1914/2004, p. 108). No entanto, se as figuras autossuficientes evocadas por Freud como detentoras de “coerência narcísica” suscitam nossa inveja, os analisandos inabordáveis impõem-se como o pano de fundo da sistematização da teoria do narcisismo, e como o maior desafio à clínica psicanalítica.

Foi a tentativa de compreender as manifestações psicóticas que, na confissão de Freud (1914/2004, p.97), o conduziu a formular a ideia de um “narcisismo primário e normal” no desenvolvimento da libido. É a partir da unidade egóica suscitada pelo narcisismo primário que se podem constituir os investimentos objetais que, por sua vez, pressupõem a transposição da libido do Eu em libido de objeto. No entanto, nos primórdios do processo de subjetivação as pulsões encontram satisfação no autoerotismo, e Freud (1914/2004, p.110) postula a necessidade de uma “nova ação psíquica” para que se constitua o narcisismo, capital da libido. Por uma espécie de transmissão transgeracional, o investimento idealizado dos pais sobre o bebê, que tem a função de resgatar a onipotência já esmaecida dos primeiros, é o responsável pela emergência da entidade que, agora, concentra em si todos os privilégios diante das forças que constrangeram o narcisismo parental, bem como todos os signos da perfeição perdida: “*His majesty, the baby*” (FREUD, 1914/2004, p.110).

No entanto, frente às vicissitudes sofridas pelas relações com os objetos, o sujeito pode retirar sua libido do mundo externo voltando-a ao Eu, caracterizando o que Freud nomeia de “narcisismo secundário”. Esse movimento de refluxo da libido é necessário, em primeiro lugar, para que o sujeito se recupere das feridas sofridas no encontro com a realidade insatisfatória; além disso, para que possa, a partir da redescoberta de si promovida pelo reinvestimento da libido no Eu, promover uma “tentativa de cura” que busca a criação de novos objetos de investimento (FREUD, 1914/2004, p.98). O risco inerente a esse movimento

alternante entre libido do Eu e libido de objeto é o da estagnação patológica por meio da inflação do narcisismo secundário, comprometendo o processo de recriação de si e de encontro de novos objetos de satisfação libidinal; justamente o que ocorre nos quadros clínicos descritos por Freud: tanto nas neuroses narcísicas (esquizofrenia/parafrenia e paranóia) como, também, nas neuroses de transferência (histeria, neurose obsessiva e fobias), nas quais há uma hipertrofia do investimento nas fantasias e uma consequente perda da realidade (FREUD, 1914/2004; 1924/1980i).

O ponto de vista econômico adotado por Freud o permite, ainda, abordar a delicada questão acerca de o que faria alguém abandonar a cômoda posição narcísica voltando seu interesse do Eu para o mundo externo. Sua resposta indica que, para além de determinado *quantum* de excitação, o “egoísmo” protetor torna-se iatrogênico. É preciso amar para não adoecer.<sup>2</sup> Porém, amar, do ponto de vista da teoria do narcisismo, coincide com criar, como se encontra nos versos de Heine citados por Freud (FREUD, 1914/2004, p.106): “e criando pude ficar são, / e criar foi o que me salvou”. Mas, claro, há diferentes maneiras de amar, assim como distintas modalidades de escolha de objeto.

Se, como já afirmara Ferenczi (1913/1992a), o psiquismo não abre mão da sua onipotência originária (matriz do princípio de prazer) no percurso em direção ao sentido de realidade, uma derivação da montagem narcísica é a ereção, a partir do paradigma da perfeição e da completude experimentados no momento de constituição do narcisismo primário, do ideal-de-Eu, por meio do qual o sujeito pode ambicionar recuperar o narcisismo perdido da infância. É, assim, por meio da projeção de um ideal-de-Eu, resultante das identificações com as figuras cuidadoras, que se pode promover um adiamento da satisfação pulsional e o investimento em realizações socialmente aceitas e valorizadas, por meio do processo nomeado “sublimação”, que contribui para o enriquecimento subjetivo e para o advento da singularidade desejante. No entanto, o ideal-de-Eu pode, também, ser o objeto da “idealização”, provocando o empobrecimento egóico e o constrangimento da vertente criativa da subjetividade (FREUD, 1914/2004). Serão as escolhas amorosas – seja a do “tipo narcísico”, seja a por “veiculação sustentada” (FREUD, 1914/2004, p.109-110) – bem como as modalidades identificatórias a elas associadas, que definirão um caminho ou outro.

A identificação narcísica, promotora do engrandecimento e da exaltação do objeto, sugere uma fragilidade na constituição do narcisismo primário supercompensada pela tentativa regressiva de restauração, no ideal-de-Eu, da onipotência e da perfeição reaseguradoras próprias do narcisismo originário. A identificação edípica, por seu turno, permite um investimento libidinal no ideal-de-Eu que favorece uma saída criativa para o cumprimento das exigências que recaem sobre o Eu mantendo, ao mesmo tempo, uma parcela importante de independência para o sujeito, ou seja, sem caracterizar uma modalidade defensiva.

Nesse sentido, poder-se-ia considerar que, do ponto de vista da metapsicologia do narcisismo, o desafio imposto à clínica psicanalítica seria o

de contribuir para a transformação das identificações narcísicas – paralisantes do movimento psíquico dos analisandos – em “identificações sublimatórias”, favorecendo os processos criativos (KUPERMANN, 2003, cap. 3). Chega-se, assim, à evidência de que as escolhas amorosas e identificatórias promovidas pelo analisando se atualiza na transferência sendo, efetivamente no plano transferencial que a “batalha” terá que ser travada (FREUD, 1912/1980b).

A introdução ao narcisismo efetuada por Freud em 1914 implica, portanto, uma nova percepção dos problemas com os quais o psicanalista precisa lidar, considerando um alargamento do campo da clínica psicanalítica no sentido de acolher quadros de sofrimento psíquico referidos à fragilidade na constituição narcísica. Como na parábola de Hans Christian Andersen, às vezes é preciso reconhecer quando sua majestade, o rei, está nu.

### A MALDIÇÃO EGÍPCIA

Na introdução do seu relato da análise de Serguéi Constantinovitch Pakejeff, que ficou conhecido como o Homem dos Lobos, Freud (1918[1914]/1980f, p.17) afirma tratar-se de uma “severa neurose obsessiva”, reconhecendo a gravidade do caso. Ainda no primeiro capítulo da sua exposição, observa que o tratamento de Serguéi, iniciado em 1910, encontrou “dificuldades especiais” que conduziram à análise a um impasse aparentemente intransponível (FREUD, 1918[1914]/1980f). Em sua descrição, o analisando mantinha-se “entrincheirado, inatacável, detrás de uma postura de dócil indiferença” (ibid., p.18). Temendo que o processo analítico se perpetuasse infinitamente Freud adotou, no início de 1914, um dispositivo clínico até então inédito no campo psicanalítico: estipulou um prazo para o término do tratamento – o final do ano corrente.

O efeito assim produzido foi surpreendente. Sob a pressão imposta pelo emprego da “técnica ativa” (FREUD, 1919/2010), assistiu-se a emergência do material recalcado necessário para a elucidação do caso, com uma prontidão e uma vivacidade apenas comparável à “hipnose” (FREUD, 1918[1914]/1980f, p. 19). Só então o Homem dos Lobos relatou o célebre sonho dos lobos sentados nos galhos da noqueira, responsável pelo seu codinome psicanalítico, e pelo desfecho do caso. Paralelamente, com a deflagração da primeira guerra, em julho de 1914, Serguéi se viu obrigado a retonar a sua Rússia natal, interrompendo um tratamento de outra parte considerado terminado por seu analista.

Percebe-se, desde a constatação, por parte de Freud, das dificuldades inerentes ao caso, que a análise de Serguéi colocava problemas em relação às possibilidades do seu término. De fato, em depoimento escrito no início dos anos 1950, Serguéi relata um detalhe curioso acerca do modo como Freud analisava e, sobretudo, esclarecedor do curso do seu próprio tratamento. Freud solicitava aos analisandos “embaraçados” com a transferência que lhe dessem um presente ao final da análise, acreditando que esse gesto os ajudaria a se livrarem dos excessivos “sentimentos de gratidão” e da “dependência” do analista (PANKEJEFF, 1981, p.168). Dessa maneira, antes de partir, Serguéi deu a Freud uma estatueta de uma figura egípcia feminina.

A continuação da história é conhecida: após a guerra Serguéi retorna a Viena e procura novamente Freud para algumas sessões, dessa vez para resolver aspectos transferenciais não analisados (FREUD, 1937/1980j). Em função da revolução bolchevique, sua família perdera todo o patrimônio e sua situação material ficara bastante precária, o que levou Freud a angariar fundos, através de uma coleta anual entre seus colegas psicanalistas, para a subsistência deste analisando que “trouxera uma contribuição tão bela à teoria da análise” (Brunswick, 1928/1981, p.271). Algum tempo depois seu quadro psíquico se agravou, e Freud o encaminhou para Ruth Mack Brunswick, com quem se analisou por alguns meses entre 1926 e 1927. Duas considerações de Brunswick acerca do caso merecem atenção: o diagnóstico, e a avaliação acerca dos restos transferenciais deixados pelo tratamento realizado com Freud.

Segundo Brunswick (1928/1981, p.302), o Homem dos Lobos, em sua segunda análise, apresentava um quadro de “paranoia de forma hipocondríaca”. De fato, Serguéi relatava um intenso sofrimento decorrente do recrudescimento de uma ferida causada por uma espinha em seu nariz, bem como da perseguição que acreditava sofrer por parte dos médicos que o tratavam. Além disso, a figura do seu ex-analista, Freud, mantinha-se presente não apenas em sonhos mas, também, como fonte de sustento financeiro de Serguéi. Um tema importante da análise com Brunswick recaiu sobre a omissão de uma informação a ser dada a Freud sobre algumas jóias herdadas por Serguéi, pelo receio da suspensão da sua mesada anual.

A primeira hipótese que se poderia tecer é a de que houve erro diagnóstico. Afinal, onde Freud postulara uma neurose obsessiva, Brunswick reconhecera, anos depois, um quadro psicótico. Outra possibilidade, prenhe de consequências para a compreensão psicopatológica, seria reconhecer no Homem dos Lobos o primeiro caso limite, ou *borderline*, celebrado pela literatura psicanalítica. Uma última consideração, que não exatamente exclui as anteriores, é a de que a paranoia manifestada por Serguéi em sua análise com Brunswick teria sido produzida pelo desfecho de seu tratamento com Freud; mais especificamente, apresentar-se-ia como o efeito rebote da técnica ativa empregada que, por meio de uma ameaça de abandono, precipitara a veia investigativa de sua análise, relegando a dimensão elaboradora dos afetos em jogo no seu sofrimento para o segundo plano.

Efetivamente, uma reflexão formulada por Ruth Brunswick acerca do seu analisando vem apoiar esta última suposição. “Nós podemos, enquanto analistas, estar de plena posse dos fatos biográficos da doença”, escreve Brunswick (1928/1981, p.309), “mas não podemos saber em que medida o doente precisa ‘retrabalhar’ (*Durcharbeiten*) seu material para poder curar-se”. Ou seja, uma coisa é o levantamento do material recalcado ou, mesmo, a construção de contingências biográficas experimentadas pelo analisando; outra o trabalho árduo, lento e paciente sobre as vivências potencialmente traumáticas sofridas. Uma clivagem abrupta dessas dimensões irredutivelmente entremeadas da experiência de cuidado, privilegiando os avanços teóricos em detrimento das conquistas afetivas dos analisandos, arrisca promover efeitos iatrogênicos. De fato, tudo

indica que o imperativo de saber imposto pela técnica ativa empregada por Freud teve sucesso em debelar as resistências de Serguéi e em revelar material suficiente para a compreensão metapsicológica da sua neurose conservando, no entanto – e justamente em função do dispositivo intrusivo empregado –, o núcleo traumático atualizado, posteriormente, na forma da paranoia.<sup>3</sup>

Em suas memórias, Serguéi relata que, vinte anos depois de concluída sua análise viu uma fotografia de Freud em seu consultório, na qual reconheceu o que chamou de a “sua” egípcia. No mesmo momento do relato, recorda-se que Freud, por sua vez, o havia chamado, em certa ocasião, de “uma parte da psicanálise” (PANKEJEFF, 1981, p.169), como se a estatueta com a qual presenteara seu analista representasse sua própria posição perante Freud e, mesmo, frente ao campo psicanalítico em sentido ampliado. Uma autêntica maldição parece ter se abatido sobre o Homem dos Lobos que, ao invés de sentir-se liberado da dívida de gratidão com seu analista, mostrava-se incapaz de profanar o lugar interdito reservado ao pai.

O analisando que, segundo Freud (1918[1914]/1980f, p. 19), tinha “receio de uma existência autônoma”, não teve sucesso em libertar-se de sua obstinada “fixação ao pai” (BRUNSWICK, 1928/1981, p.309), colocando Freud na posição de substituto paterno do qual nunca pode se destacar. Ainda que esse seja o movimento esperado pela própria instauração da transferência, convém perguntar de que maneira o analista pode contribuir para a desidealização necessária ou, ao contrário, para a cristalização de uma dissimetria perpetuadora da dependência da parte do analisando. A história da psicanálise é, inclusive, prenhe de exemplos nos quais o manejo da transferência teve o destino funesto da sedimentação de uma relação sadomasoquista entre os parceiros da experiência psicanalítica (KUPERMANN, 2014; ROUSTANG, 1976). Com analisandos que apresentam uma precária constituição narcísica, qualquer movimento invasivo do psicanalista tende a tornar o tratamento iatrogênico, caracterizando-o como uma reedição das experiências traumáticas vividas pelo analisando nos momentos decisivos da sua constituição subjetiva.

Tudo indica que no caso do Homem dos Lobos, o presente dado a Freud, ao contrário de contribuir para o seu final de análise, tornou-se símbolo de uma posição masoquista adotada como supercompensação narcísica, por meio da qual o sujeito encontra reassseguramento frente ao abandono traumático, oferecendo-se como objeto para o gozo de um Outro idealizado.

#### A VIA SENSÍVEL DA ELABORAÇÃO

No verão de 1914, ou seja, justo após a interrupção da análise de Pankejeff, Freud se dedica à redação de um ensaio clínico primoroso, que contradiz, praticamente termo a termo, o dispositivo empregado naquele tratamento. A estrutura argumentativa reproduz o estilo de outros escritos que aportam rupturas em relação ao estado da arte da psicanálise. Desse modo, em “Recordar, repetir e elaborar”, Freud (1914/1980d) reitera que o objetivo principal da análise continua sendo a recordação das lembranças recalçadas; porém, introduz dois novos conceitos determinantes, desde então, para a concepção do que é a clínica psicana-

lítica: a compulsão à repetição (*Wiederholen*) e a elaboração (*Durcharbeitung*).

Decerto a insistência da compulsão à repetição nas análises está intimamente vinculada aos esforços de elaboração de núcleos traumáticos não simbolizados, sendo que ambos se impõem exatamente no contexto no qual a clínica psicanalítica passa a ser frequentada por pacientes de difícil manejo terapêutico, ou seja, por neuroses graves como a apresentada pelo Homem dos Lobos.<sup>4</sup>

Nos dois últimos parágrafos do ensaio, voltados especificamente ao processo da elaboração, Freud se dedica às análises que, aos olhos dos terapeutas inexperientes, aparentam não evoluir, estagnadas nas resistências dos analisandos. Nesses casos somos alertados para o fato de que é preciso que o psicanalista exercite sua “paciência” com o “tempo” e o ritmo próprios ao analisando para que o tratamento possa, justamente por meio do trabalho *na* resistência, produzir seus resultados mais importantes. Lemos em Freud: “Esta elaboração das resistências (...) trata-se da parte do trabalho que efetua as maiores mudanças e que distingue o tratamento analítico de qualquer tipo de tratamento por sugestão” (FREUD, 1914/1980d, p.203).

Não surpreende o retorno do fantasma da sugestão justamente no contexto do emprego da técnica ativa. Afinal, o tratamento do Homem dos Lobos foi considerado estagnado por Freud, o que o motivou a estabelecer um prazo para o seu término, forçando, evidentemente, o tempo e o ritmo do analisando de acordo com as expectativas (e a pressa) do analista. E o efeito assim alcançado foi o de uma lucidez aproximada daquela provocada pelo emprego da hipnose. Lucidez referida, evidentemente, à emergência do material recalcado, ou seja, à primeira das vertentes da clínica psicanalítica, a recordação.

Por outro lado, Freud (1914/1980d, p.203) aproxima as vertentes da repetição e, sobretudo, da elaboração, da “ab-reação das cotas de afeto estranguladas pela repressão – uma ab-reação sem a qual o tratamento hipnótico permanecia ineficaz”. Percebe-se, assim, uma clara contraposição entre a concepção clínica apresentada nesse momento e a sua própria condução do caso do Homem dos Lobos; mais importante, assiste-se, ainda, a um resgate – a partir do que se pode imaginar como uma intuição de Freud acerca do fracasso do tratamento de Serguéi – da afetividade na relação entre analista e analisando.

O sintoma atualizado pelo Homem dos Lobos na transferência é paradigmático das dificuldades de manejo encontradas na clínica com os casos-limite. Sua “dócil indiferença” se impõe como o índice da anestesia por meio da qual o sujeito se protege do excesso promovido pelo abandono traumático. Como demonstrou pouco tempo depois Sándor Ferenczi (1931/1992b), a defesa privilegiada pelas subjetividades fragilizadas narcisicamente é a “identificação ao agressor”, promotora de uma clivagem entre uma parte sensível brutalmente atingida e outra, constituída por idealizações cristalizadas, que “sabe tudo mas nada sente” (FERENCZI, 1931/1992b, p.77). Dessa maneira, a emergência das patologias narcísicas, hiperadaptadas às exigências ambientais, obrigou o campo psicanalítico a reconsiderar a importância da sublimação favorecendo, frente à alienação apresentada pelos analisandos, o movimento criativo do aparelho psíquico.

Sabe-se que, em um primeiro momento, Freud (1908/1980a) considerou a sublimação uma alternativa encontrada por alguns poucos eleitos frente aos imperativos da socialização. Nesse sentido, era evidente que a sublimação não despontaria no horizonte dos objetivos do tratamento psicanalítico, uma vez que o mesmo constrangimento sofrido pelo corpo pulsional do sujeito, que incitaria a sublimação, para outros promoveria a neurose e, mesmo, a perversão (FREUD, 1912/1980c). No entanto, a inautenticidade e a aderência da libido apresentadas por alguns analisandos, características da identificação narcísica e das idealizações irremovíveis, indicou a Freud que o pior que pode acontecer à dinâmica psíquica é o represamento da libido no narcisismo secundário mortífero. Afinal, como já indicado em “À guisa de introdução ao narcisismo”, é preciso amar para não adoecer, criar para manter-se são (FREUD, 1914/2004).

Com a formulação do conceito de pulsão de morte e da segunda tópica do aparelho psíquico (FREUD, 1920/1980g; 1923/1980h), a dimensão mortífera do narcisismo secundário ganharia consistência teórica. Na nova trama metapsicológica tecida por Freud, apreende-se que o desinvestimento da libido de objeto em favor da libido do Eu vem acompanhado de uma arriscada desfusão pulsional. Assim, a presença de uma “cultura pura” da pulsão de morte no psiquismo, uma vez não sublimada – ou seja, não empregada novamente no movimento de criação de novos objetos de satisfação libidinal –, tende a incrementar o potencial opressor do supereu, tornando o sujeito cada vez mais subjugado pela tirania dos objetos incorporados e dos ideais veiculados socialmente (FREUD, 1923/1980h, p.69).

Freud tinha razão: a partir dos desafios suscitados pelos casos nos quais há um evidente comprometimento narcísico, é preciso voltar a se perguntar o que é a psicanálise e quem é o psicanalista. No entanto, ao contrário do encaminhamento dado a partir da publicação de “A História do movimento psicanalítico” (FREUD, 1914/1980e), a resposta não seria encontrada no processo de institucionalização do movimento psicanalítico, caracterizado pela excomunhão das vozes dissonantes e pela padronização da formação psicanalítica efetuada na década seguinte (KUPERMANN, 2014).

Os quadros de sofrimento narcísico exigem daquele que oferece sua escuta como testemunha do sofrimento do outro a disponibilidade empática capaz de evocar os afetos de vitalidade, responsáveis pelos movimentos expansivos do analisando. Apenas dessa maneira seria possível vencer as barreiras promovidas pela casca protetora constituída pela inflação do narcisismo secundário e despertar o núcleo sensível do sujeito, tornando a experiência analítica uma autêntica prática de cuidado.

#### NOTAS

<sup>1</sup> *Fluctuat Nec mergitur* (“as ondas o abalam, mas não o afundam”), como encontrado no brasão da cidade de Paris, é o lema utilizado por Freud (1914/1980e, p.16) como epígrafe de “A história do movimento psicanalítico”.

<sup>2</sup> Ver, a esse respeito, a concepção de Sándor Ferenczi (1913/2011) da “exuberância” oriunda do campo pulsional como força motriz para a expansão psíquica e a introjeção de objetos.

## CONVIDADO

<sup>3</sup> Talvez a característica mais inequívoca da paranoia seja, justamente, o excesso interpretativo (Laplanche & Pontalis, 1983, p.425).

<sup>4</sup> Ver também, a esse respeito, “Caminhos da terapia psicanalítica” (Freud, 1919/2010).

## REFERÊNCIAS

BRUNSWICK, R. M. Supplément à l' « l'extrait de l'histoire d'une névrose infantile » de Freud. In Gardiner, M. (org.). **L'Homme aux loups par ses psychanalystes et par lui-même**. Paris: Gallimard, 1981[1928], p. 268-316.

FERENCZI, S. O desenvolvimento do sentido de realidade e seus estágios. In S. Ferenczi, **Psicanálise II**. São Paulo: Martins Fontes, 1992a[1913], p. 77-108.

\_\_\_\_\_. Análises de crianças com adultos. In S. Ferenczi, **Psicanálise IV**. São Paulo: Martins Fontes, 1992b[1931], p.69-84.

\_\_\_\_\_. O simbolismo dos olhos. In S. Ferenczi, **Psicanálise II**. São Paulo: Martins Fontes, 2011[1913], p. 63-66.

FREUD, S. Moral sexual 'civilizada' e doença nervosa moderna. In S. Freud, **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1980a[1908], v. 9, p. 187-212.

\_\_\_\_\_. A dinâmica da transferência. In S. Freud, **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1980b[1912], v. 12, p. 133-143.

\_\_\_\_\_. Recomendações aos médicos que exercem a psicanálise. In S. Freud, **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud** Rio de Janeiro: Imago, 1980c[1912], v. 12, p. 149-159.

\_\_\_\_\_. Recordar, repetir e elaborar (Novas recomendações sobre a técnica da psicanálise II). In S. Freud, **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1980d[1914], v. 12, p. 193-207.

\_\_\_\_\_. A história do movimento psicanalítico. In S. Freud, **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1980e[1914], v. 14, p. 16-82.

\_\_\_\_\_. História de uma neurose infantil. In S. Freud, **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1980f[1914], v. 17, p. 19-152.

\_\_\_\_\_. Além do princípio de prazer. In S. Freud, **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1980g[1920], v. 18, p. 19-152.

\_\_\_\_\_. O ego e o id. In S. Freud, **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1980h[1923], v. 19, p. 23-83.

\_\_\_\_\_. A perda da realidade na neurose e na psicose. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1980i[1924], v. 19, p. 229-238.

\_\_\_\_\_. Análise terminável e interminável. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1980j[1937], v. 23, p. 239-288.

\_\_\_\_\_. À guisa de introdução ao narcisismo. In S. Freud, **Obras psicológicas de Sigmund Freud 1. Escritos sobre a psicologia do inconsciente**. Rio de Janeiro: Imago, 2004[1914], v. 1 p. 95-132.

\_\_\_\_\_. Caminhos da terapia psicanalítica. In S. Freud, **Obras completas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010[1919], v.14, p.279-292.

GARDINER, M. (org.). **L'Homme aux Loups par ses psychanalystes et par lui-même**. Paris: Gallimard, 1981.

KUPERMANN, D. **Ousar rir. Humor, criação e psicanálise**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

\_\_\_\_\_. **Transferências cruzadas: uma história da psicanálise e suas instituições**. São Paulo: Escuta, 2014, 2ª Ed. Revisada.

LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J.-B. **Vocabulário da psicanálise**. (P. Tamen, trad.). São Paulo: Martins Fontes, 1983, 7ª Ed.

PANKEJEFF, S. C. Mes souvenirs sur Sigmund Freud. In Gardiner, M. (org.). **L'Homme aux loups par ses psychanalystes et par lui-même**. (L. Weibel, trad.). Paris : Gallimard, 1981, p. 153-171.

ROUSTANG, F. **Um destino tão funesto**. (J. Bastos, trad.). Rio de Janeiro: Timbre-Taurus, 1976.